

Quando se vai à Escola
só para ganhar dinheiro,
no país, certo, decola
fêliz, mais um embusteiro.

Manoel Fernandes Menendez

Trabalho, a ninguém seduz,
mas, se isso castigo fosse,
o mel que a abelha produz
não seria assim tão doce...

Albertina Moreira Pedro, em
Trevó na Trova 0207

O progresso desmedido,
mas parece marcha à ré
quando o poente é escondido
por trás de uma chaminé...

Renata Paccola, em
Fanal 0209

Busque a justiça de Deus e tudo lhe será dado por acréscimo.

Se queres, numa cidade,
encanto quase divino,
se queres fraternidade,
Pouso Alegre é teu destino!

Ederson Cardoso Lima, em
Trovalegre 0010

Naquela criança linda
que brinca, cheia de pressa,
o meu mundo que se finda
fita um mundo que começa!

Galdino Andrade † 12.08.02, em
BI UBT São Paulo e Trovaregre 0209

Lembrando Lobato, agora,
a minha ternura aumenta:
— Sou a menina de outra, transformada em Dona Bentada!

Ercy Maria Marques de Faria, em
Sem Limites 0204

Linguagem rebuscada, ele rejeita.
É simples. Seu falar, bem natural.
Observa. Não possui visão estreita,
mas, tem sabedoria sem igual.

Conhecedor da alma da gente, enfeita
seu verso com humor, afeto e sal,
sem esquecer do mel, que nos deleita,
pois, tem no povo, rico manancial.

Solidário, compreende seu irmão:
sentindo o que lhe vai no coração,
reflete seu viver, sempre a cantar.

Luta. Desdobra-se. Jamais se aquieta
ao cumprir seu destino de profeta.
Eis o perfil do poeta Adriano!

Walma da Costa Barros (Rua Adriano Leal 105, Apto. 308
24020-110 – Niterói, RJ), Retrato, em 1ª Coleção Poética
Letras da Casa: Casa do Poeta de São Luiz Gonzaga, 2001

Manhã... O pássaro canta
pulando de galho em galho,
estes molhados de orvalho
e ele sem saber me encanta...

A abelha baila nas flores,
o sol a raiar parece
vibrar em forma de prece,
a Terra acorda verdouros...

Tanta luz no novo dia
traz até mim alegria:
— tudo é paz, tudo é beleza...

É mágico o alvorecer,
quero saúda-lo a viver:
— sou parte da Natureza!

Sônia Maria Ditzel Martelo, Amanhecer...; de
Emoções Rua Cruz e Souza 290, fone 0'42
225-1361; 84015-420 – Ponta Grossa, PR

É primavera! Chega ao fim, setembro...
abrem-se as bocas rubras dos rosais.
E a longa avenca é como um lasso membro
que se estendesse aos raios vespereais...

O céu pranteia chuva. Olhando-a, lembro
quem sobre as poças já não salta mais...
de longe a resgatar algum novembro,
a chuva escorre infância nos beirais...

Enxugo os olhos; mais que a tarde chovem
meus olhos que são aves de asas pretas
pousadas na lembrança, a ver-me jovem...

Volto de mim, e sobre a minha face
meus dedos voam — leves borboletas —
buscando rosas onde o inverno nasce!...

Sérgio Bernardo, Vespéral; em
Reencontro — Coleção de Trabalhos Premiados
em Concursos Nacionais de Sete Lagoas, 1995

QUE PAÍSES ESTE?

Afonso Romano de Sant'Anna, para Raymundo Faoro – *¿Puedo decir que nos han traicionado? No. ¿Que todos fueran buenos? Tampoco. Pero allí está una buena voluntad, sin duda y sobretodo, el ser así.* César Vallejo
de Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século (José Nêumanne Pinto), 2001, www.geracaoobooks.com.br geracao@terra.com.br

1 Uma coisa é um país,
outra um ajuntamento.
Uma coisa é um país,
outra um regimento.
Uma coisa é um país,
outra o confinamento.

Mas já soube datas, guerras,
(estátuas
usei caderno “Avante”
– e desfile de tênis
(para o ditador.

Vinha de um
 (“berço esplêndido” para um
 (“futuro radioso”
e éramos maiores em tudo
– discursando rios e pretensão.

Uma coisa é um país,
outra um fingimento.
Uma coisa é um país,
outra um monumento.

Uma coisa é um país,
outra o aviltamento.

Deveria derribar
(afritos mapas sobre a praça
em busca da especiosa raiz?
(ou deveria

parar de ler jornais
e ler anais
como anal
animal

hiena patética
na merda nacional?

Ou deveria, enfim, jejuar
(na Torre do Tombo
comendo o que as traças
(descodem

procurando
o Quinto Império, o primeiro
(portulano

(a viciosa visão do paraíso
que nos impeliu a errar aqui?)
Subo, de joelhos, as escadas
(dos arquivos nacionais,
como qualquer santo barroco

a rebuscar
no mofo dos papiros, no
bolor

das pias batismais, no bodum
(das vestes reais
a ver o que se salvou
(com o tempo

e ao mesmo tempo
– nos trai.

2 Há 500 anos caçamos índios
(e operários,

há 500 anos queimamos
(árvores e hereges,

há 500 anos estupramos
(livros e mulheres,

há 500 anos sugamos
(negras e aluguéis.

Há 500 anos dizemos:
que o futuro a Deus pertence,
que Deus nasceu na Bahia,
que são Jorge é de guerreiro,
que o amanhã ninguém sabe,

que conosco ninguém pode,
que quem não pode sacode.

Há 500 anos somos
(pretos de alma branca,
não somos nada violentos,
quem espera sempre alcança
e quem não chora não mama
ou quem tem padrinho vivo
não morre nunca pagão.
Há 500 anos propalamos:
este é o país do futuro,
antes tarde do que nunca,
mais vale quem Deus ajuda
e a Europa ainda se curva.

Há 500 anos
somos raposas verdes
colhendo uvas com os olhos,
semearmos promessa e vento
com tempestades na boca,
sonhamos a paz da Sucéia
com suíças militares,

vendemos siris na estrada
e papagaios em Haia,
senzalamos casas-grandes
e sobradamos mocambos,
bebemos cachaça e brahma
joaquim silvério e derrama,

a polícia nos dispersa
e o futebol nos conclama,
cantamos salve-rainhas
e salve-se quem puder,
pois Jesus Cristo nos mata
num carnaval de mulatas.

Este é um país
(de síndicos em geral,
este é um país
(de cínicos em geral,
este é um país
(de civis e generais.

Este é o país do desconfinou
onde nada congemma,
e somos índios perdidos
na eletrônica oficina.

Nada nada congemma:
a mão leve do político
com nossa dura rotina,
o salário que nos come
e nossa sede canina.

a esperança que emparedam
e a nossa fé em ruína,
nada nada congemma:
a placidez desses santos
e nossa dor peregrina,

e nesse mundo às avessas
— a cor da noite é obsclara
e a clareza vespertina.

3 Sei que há outras pátrias. Mas
mato o touro
(nesta Espanha,
planto o lodo neste Nilo,
caço o almoço nesta Zâmbia,
me batizo neste Ganges,
vivo eterno em meu Nepal.

Esta é a rua em que brinquei,
a bola de meia que chutei,
a cabra-cega que encontrei,
o passa-anel que repassei,
a carniça que pulei.

Este é o país que pude
que me deram
e ao que me
dei,
e é possível que por ele,
(imerecido,
– ainda me morreirei.

4 Minha geração se fez
(de terços e rosários:
– um terço se exilou
– um terço se fuzilou
– um terço desesperou.

e nessa missa enganosa
– houve sangue e desamor.
(Por isto,
canto-o-chão mais áspero
(e cato-me
ao nível da emo-
ção.

5 Cai de quatro
animal
sem compaixão.

Uma coisa é um país,
outra uma cicatriz.

Uma coisa é um país,
outra a abatida cerviz.

Uma coisa é um país,
outra esses duros perfis.

6 Deveria eu catar
(os que sobram,
os que se arrependeram,
os que sobreviveram
(em suas tocas
e num seminário
(de erradios ratos
suplicar:
– explique-m-me a mim
e ao meu país?

Vivo no século vinte,
(sigo para o vinte e um
ainda preso ao dezanove
como um tonto guarani
e aldeado vacuum.
(Sei que daqui a pouco
não haverá mais país.

7 País:
loucura de quantos generais
(a cavalo
escalpando índios
(nos murais,
queimando caravelas e livros
– nas fogueiras e cais,
homens gordos melosos
(sorrisos consensais
politicando subúrbios
(e arando votos
e benesses nos palanques
(oficiais.

8 Leio, releio os exegetas.
Quanto mais leio, descreio.
(Insisto?
Deve ser um mal do século

9 Já pensei: – é erro meu.
(Não nasci no tempo certo.
Em vez de um poeta crente
sou um profeta ateu.
Em vez de epopéia nobre,
os de meu tempo me legam
como tema
– a farsa
e o amargo riso plebeu.

10 Mas sigo o meu luto.
(Falo o que sinto
e sinto muito o que falo
– pois morro sempre que calo.
Minha geração se fez
(de lições mal-aprendidas
– e classes despreparadas.
Olhámos ávidos
(o calendário. Éramos jovens.
Tínhamos a “história”
(ao nosso lado. Muitos
maduravam um rubro outubro
outros iam ardendo um torpe
agosto.

11 Mas nem sempre ao verde abril
se segue a flor de maio.
Às vezes se segue o fosso
– e o roer do magro
osso.

12 E o que era revolução outrora
agora passa à
(convulsão inglô-
ria.

13 E enquanto ardíamos
(a derrota como escória
e os vencedores nos palácios
(especavam seus champans
(sobre a aurora
o reprovado aluno aprendia
com quantos paus se faz
(a derrisória estória.
Convertidos em alvo e presa
(da real caçada
abriu-se embandeirado
um festival
(de caça aos pombos
– enquanto raiava sanguínea
e fresca a madrugada.

14 Os mais afoitos e desesperados
em vez de regressarem como eu
sobre os covardes pas-
sos,
e em vez de abrir
(suas tendas
(para a fome dos deser-
tos,
seguiram no horizonte
(uma miragem
e logo da luta
passa-
ram
ao luto.

15 Vi-os lubrificando suas
armas
e os vi tombados
(pelas ruas e grutas.

16 Vi-os arrebatando
(louros e mulheres
e serem sepultados
(às ocultas.

17 (o sangue e o ritual.
Hoje
os que sobram
(vivem em escuras
e europeias alamedas,
(em subterrâneos
de saudade, aspirando
(a um chão-de-estrelas,
plangendo um violão
(com seu violado desejo
a colher flores
(em succos cemitérios.

18 Talvez
todo o país seja apenas
(um ajuntamento
e o conseqüente aviltamento
– e uma insolvente cicatriz.

19 Mas este é o que me deram,
e este é o que eu lamento,
e é neste que espero
– livrar-me do meu tormento.

20 Meu problema, parece,
(é mesmo de princípio:
– do prazer e da realidade
– que eu pensava
com o tempo resolver
– mas só agrava com a idade.

21 Há quem se ajuste
engolindo seu fel com mel.
Eu escrevo o desajuste
vomitando no papel.

22 Mas este é um povo bom
me pedem que repita
com um monge cenobita
enquanto me dão porrada
e me vigiam a escrita.
Sim. Este é um povo bom.
(Mas isto também diziam
os faraós
enquanto amassavam
o barro da carne escrava.

23 Isso digo toda noite
enquanto me assaltam a casa,
isso digo
aos montes em desalento
enquanto recolho
(meu sermão ao vento.

24 Povo. Como cicatrizar
(nas faces sua imagem
(perversa e una?
Desconfio muito do povo.
(O povo, com razão,
– desconfia muito de mim.

25 Estivemos juntos na praça,
(na trapaça e na desgraça,
mas ele não me entende
– nem eu posso converte-lo.
A menos que suba estádios,
(antenas, montanhas
e com três mentiras eternas
o seduza
(para além da ordem moral.
Quando cruzamos pelas ruas
não vejo nenhum carinho
(ou especial predileção
(nos seus olhos.

26 Há antes incômoda suspeita.
(Agarro documentos,
(embrulhos, família
a prevenir
(mal-entendidos sangrentos.
Daí, já vejo as manchetas:
– o poeta matou o povo
– o povo que só/çobrou
(ao poeta
– (ou o poeta
apesar do povo?)
– Eles não vão te perdoar
– me adverte o exegeta.

27 Mas como um país não é
(a soma de rios, leis,
(nomes de ruas, questionários
(e geladeiras,
e a cidade do interior não é
(apenas gás néon, quermesse
(e fonte luminosa,
uma mulher também não é
(só capa de revista,
(bundas e peitos fingindo
(que é coisa nossa.

28 Povo
também são os falsários
e não apenas os operá-
rios,
povo
também são os sífilíticos
não só atletas e políticos,
povo
são as bichas, putas e artistas
e não só escoteiros
e heróis de falsas lutas.
são as costureiras e dondocas
e os carcereiros
e os que estão
(nos citos e docas.

29 Assim como uma religião
(não se faz
(só de missas na matriz,
mas de mártires e esmolmas,
(muito sangue e cicatriz,
a escravidão
para resgatar
(os ferros de seus om-
bros
requer
poetas negros que refaçam
(seus palmares e quilombos.

30 Um país não pode ser só a soma
de censuras redondas
(e quilômetros
quadrados de aventura, e o povo
não é nada novo
– é um ovo
que ora gera e degenera
que pode ser coisa viva
– ou ave torta
depende de quem o põe
– ou quem o gala.

31 Percebo
que não sou
(um poeta brasileiro. Sequer
um poeta mineiro. Não há
(fazendas, mortos,

32 (nos meus versos.
Embora meu pai
(viesse de Ouro Preto
(com bandas de música
(polícia militar
(casos de assombração
(e uma calma milenar,
embora minha mãe fosse
(imigrando hortaliças protestantes
tecendo filhos nas fábricas
(e amassando a fé e o pão,
olho Minas
(com um amor distante,
como se eu,
(e não minha mulher
– fosse um poeta etíope.

33 Fácil não era apenas
(ao tempo das arcádias
entre cupidos e sanfoninhas,
fácil também era ao tempo
(dos partidos:
– o poeta sabia “história”
viviam em sua “célula”,
o povo
(era seu hobby e profissão,
o povo era seu cristo
(e salvação.

34 O povo, no entanto, não é o cão
e o patrão
– o lobo. Ambos são povo.
E o povo sendo ambíguo
é o seu próprio cão e lobo.

35 Uma coisa é o povo,
(outra a fome.
Se chamais povo
(à malta de famintos,
se chamais povo
(à marcha regular das armas,
se chamais povo
(aos urros e silvos
(no esporte popular
então mais amo
(uma manada de búfalos
(em Marajó
e diferença já não há
entre as formigas
(que devastam minha horta
e as hordas de gafanhotos
(de 1948
– que em carnaval de fome
o próprio povo celebrou.

36 Povo
não pode ser sempre
(o coletivo de fome.
Povo
não pode ser
(um seqüito sem nome.

37 Povo
não pode ser
(o diminutivo de homem.
O povo, aliás, deve estar
(cansado desse nome,
embora seu instinto
(o leve à agressão
e embora
o aumentativo de fome
possa ser
revolução.

– se não for um mal de vista
 Vi-os pisando o palco
 (da tropical tragédia
 e por mais que os advertisse
 (do inevitável final
 não pude lhes poupar

casas velhas, barroquismos

QUIDAI (TEMAS DA SAZÃO) DE PRIMAVERA

Sabia cantou. É sabiá-laranjeira? Meu sonho voltou! Agostinho José de Souza Crianças dengosas, fazendo cena e charminho... Dia da Vacina Ailson Cardoso de Oliveira	Muitos cata-ventos. Menino pobre só olha com rosto molhado. Francielia Silva Cercado de fâbulas, a horta sob as araucárias... Um quintal no Sul. Guim Ga	Salve agricultura! Festejam Dia do Agrônomo, todos agradecem. Maria App. Picano Goulart Do muro de pedra desce, a cascata rosada. Buganvília em flor. Maria Reginato Labruciano
Papeis coloridos que as mãos bem firmes seguram. Pipas a voar... Alda Corrêa M. Moreira Sentada na areia as ondas molham meus pés: é Dia do Mar... Djalda Winter Santos	Magnólia! Que flor! de beleza imaginária. Alegria o jardim. Haroldo R. Castro Canoa Quebrada... Nas andorinhas migrantes, misterioso encanto! Hermoclydes S. Franco	Primavera em chuva sentimentos vão pingando inundam minh'alma. Mariemy Tokumu Bolha de sabão esférico arco-íris. Alegre visão! Nadyr Leme Ganzner
Edel Costa Um lar barulhento... No beiral do meu vizinho chegam tico-ticos... Erey M. M. de Faria Curio lindo sóla... – Nostálgico enfrenta a grade, que infame gaiola. Fernando L. A. Soares No pátio da aldeia, vento ondulando o chorão... pajé vegetal. Fernando Vasconcelos	perfumes chamativos. Beija-flor na espreita. Héron Patricio Encanta meus olhos, amarelo me sorri. Ipê brasileiro. Joana de Toledo Machado Dia do Professor alunos dão parabéns a quem tem méritos. João Batista Serra Sálvia florescendo, desfolhando é riqueza, espalhada ao chão! Josefina da Silva Carvalho Luar. Rá quietinha. Num zás! a língua certeira! Pobre besourinho... Leonilda Hilgenberg Justus	em cima do meu telhado: miados comprimidos... Olga Amorim No galho do arbusto perfuma a flor de café. Frutos vão nascendo. Olga dos Santos Bussade Pipa no poste, chora o pobre menino. Sonho perdido. Paulo Alfredo Feitosa Böhm Gato faz amor, Barulho no espauço. Esquadriha da Fumaça. Semana da Asa. Roberto Resende Vilela Mavioso azulão com seu canto colorido sonoriza a mata... Santos Teodósio
Revalda de pássaros pela seiva de concreto. Cantam bem-te-vis. Flávio Velasco	Assisto do carro – por mim chora a primavera – com um pneu furado... Luís Koshihiro Tokutake	Pequena faceira se esconde pelo jardim botão de roseira. Sérgio Serra

SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

**Remeter até 30.10.02, quigos à escolha:
 Borboleta, Dia da Arvore, Girino.**

Remeter até 30.11.02, quigos à escolha:
 Campânula, Escorpião, Guarda-sol.

Cada haicu deve ser como um instantâneo diante do quigo (palavra da sação). Evitar ao máximo pois, todo o texto impossível de ser revelado numa fotografia.
 No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu.
 Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
 Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
 01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinónimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinónimos referentes a *natureza*.
2. Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicista selecionador (em cima e à

TREVO À OCIDENTAL ° - TREVO PERSONAGEM *

- Nostalgia quanta,
 a flor jacerandá é cor
 da Semana Santa!
 Fernando L. A. Soares
- Só numa gotinha...
 todo um milagre de vida!
 Dia da Vacina.
 Fernando Vasconcelos
- direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
 4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

HAICUS EM FOLHA

Na capela verde do exuberante jardim, reza o louva-a-deus. Elen de Novais Felix Um louva-a-deus pouca numa folha avermelhada. Lapela com broche! Amália Marie G. Borheim Brilha contra a luz o cálice de cristal com licor de figo. Walma da Costa Barros Saíndo da igreja muitos sorrisos e páes. Dia de Santo António. Manoel F. Menendez	Na folhagem verde, trajando o seu belo fraque, louva-a-deusado. Regina Célia de Andrade Pássaros famintos, bicando figos maduros... festa no pomar. Elen de Novais Felix No pomar de figos, passarinho passa adiante... – Frutos embrulhados. Humberto Del Maestro Num galho florido o pouso do louva-a-deus. E a sua oração... Darty O. Barros	Com ar senhoriil curva-se a velha figueira repleta de frutos... No pote de vidro, doce de figo verdinho. Crianças em volta. Regina Célia de Andrade Dando água na boca, numa cometeira antiga, os figos em calda. Alba Christina No prato à mesa frutos doces da figueira fecham o banquete. Amariu do Amaral Campos
É Dia de Santo António. Fogueiras crepitam. Angélica Vilela Santos No ventre do figo as saborosas florzinhas... criança admirada! Anita Thomaz Follmann Grandes ventania. Louva-a- deus, com as mãos postas, pede a Deus guarda. Olíria Alvarenga Foguetes, Santomas. Sempre de mãos postas o esverdçado louva-a-deus, vai dando seus pulos! Anita Thomaz Follmann Prostrado no tronco louva-a-deus enfrenta a morte. Predador vasculha. Livia Lacerda Menendez Olhos curiosos. Louva-a-deus provoca festa. Crianças brincando. Analice Feitosa de Lima	sugando o néctar dos figos, os pássaros batlam... Amália Marie G. Borheim Bracinhos em prece, confunde-se com as folhas. Louva-a-deus descansa. Renata Paccola Em meio ao pomar a figueira carregada. Tem doce de figo! Cecy Tupimambá Ulhoa Passaros bicando. Uma árvore carregada. Figos a granel. Analice Feitosa de Lima Pousado no galho, canário faz refeição. Figo madurinho. Regina Célia de Andrade Igreja lotada no Dia de Santo António. Olhos suplicantes. Darty O. Barros	no Dia de Santo António. Só mulher solteira! Maria Madalena Ferreira Promessas e festas. É Dia de Santo António. Moças casadoiras. Analice Feitosa de Lima Velha lei da selva! Carnaleão procura insetos. Louva-a-deus disfarça. Maria Madalena Ferreira De volta da igreja mulher repartindo um pão. Dia de Santo António. Manoel F. Menendez Fiéis agradecem no Dia de Santo António graças alcançadas. Renata Paccola Na linha do anzol um louva-a-deus insistente. Adeus pescaria. Helvécio Durso

U M T R O V A D O R E M F O C O

Resumo da palestra feita pelo trovador Héron Patricio em 14.09.02, na Reunião Comemorativa do Dia do Trovador, da União Brasileira dos Trovadores – Seção São Paulo, no Clube Português de São Paulo.

Poderão perguntar-me: por que falar a respeito de um trovador que todos nós conhecemos, que está sempre aqui conosco? E eu respondo, com a tranquilidade de quem cumpre o seu dever: – vou focalizar esse trovador, antes que alguém o faça.

Eu o cognominei o *trovador do sonho e da ilusão*, porque ele recheia suas trovas com os deliciosos sabores dos sonhos e de ilusões. Ouçamos, por exemplo:

Sou trovador e tranponho os céus da imaginação...
 – Vou no galope do sonho pela estrada da ilusão!

O meu velho coração,
 em constantes desafios,
 é feito um mar de ilusão
 bebendo os sonhos dos rios!

Poucos, no Brasil, trabalharam e trabalham tanto pela trova quanto esse meu focalizado de hoje. Vou dizer mais duas trovas dele e tenho a certeza de que quase todos saberão de quem se trata:

Os meus sonhos vão ao léu pelas asas da ilusão,
 plantando flores no céu colhendo estrelas no chão!

Os tempos da mocidade,
 feitos de sonho e ilusão,
 são fogueiras de saudade
 queimando em meu coração.

Sem o menor preconceito, grita um velhinho casmurro: – Prefiro um burro prefeito a ter um prefeito burro.
 Aloysio Alfredo Silva

Nestas eleições também, fez-se ouvir a voz da História, nem sempre sucesso tem quem mereceu a vitória.
 Aluizio Alberto da Cruz Quintão

Foi dormir sobre a vitória, cotidinho, e se estrepou, alguém, roubando-lhe a glória, do seu lugar se apossou.
 Ana Ataíde Ferreira da Silva

Depois de tanta promessa, mesa farta... bolsa rica... o eleitor jejuia à beça

Vocês ouviram bem, foram mais sonhos e mais ilusões... E, assim, prossegue o trovador...

E tomem *sonho* e tomem *ilusão*:

Pensando bem, não foi ela, a ilusão, foi o destino que jogou pela janela o meu sonho de menino!

Teus olhos angelicais,
 nas ilusões que componho,
 são dois sagrados vitrais
 da capela dos meus sonhos!

Eu poderia continuar dizendo trovas temperadas por **Eduardo Toledo** com sonho e com ilusões. Mas, Eduardo Toledo, faz mais do que temperar trovas, ele trabalha pela trova, ama a trova e significa a trova. Depois que ele passou a dedicar-se ao *poema de quatro versos*, a paixão de Luiz Otávio tomou conta do movimento cultural de Pouso Alegre – e, por que não, de muitas cidades de Minas Gerais, pois Pouso Alegre ficou pequena para sua gana de lutar pela trova, passando Eduardo a presidir a UBT do Estado de Minas. Algumas delegacias foram criadas, graças ao entusiasmo de Eduardo Toledo. Nem preciso falar sobre a grandiosidade que os Jogos Florais de Pouso Alegre alcançaram.

Mas, mostremos mais algumas trovas de autoria do nosso focalizado:

Na peça de amor que ponho no palco do coração,
 a maquiagem é de sonho e o cenário é de ilusão!

Sob as bênçãos do luar,
 toda noite, em precisão,
 os meus sonhos vão rezar na catedral da ilusão!

À noite, quando me ponho no firmamento a sonhar,
 pego a garupa do sonho e passeio no luar.

Adeus meu chão, vou risonho pela tarde azul e mansa,
 levando a roupa do sonho na mochila da esperança!

Eduardo A. O. Toledo é advogado, jornalista, orador, contista, historiador, fundador e presidente da Academia Pouso-alegrense de Letras, membro de inúmeras entidades literárias no Brasil, etc, etc. Muitos daqui talvez se lembrem dos festivais de música popular brasileira da TV Tupi. Pois é, Eduardo foi o vencedor, como letrista, do 4º Festival da Tupi/SP, em 1972, bem como venceu inúmeros festivais pelo Brasil afora.

Parece coisa do destino, mas o trovador em foco de hoje sempre morou em cidades onde a UBT se destacou, como, por exemplo: Niterói,

Barrada do Piraí, Rio de Janeiro, Pouso Alegre, etc. Forma, com Águeda, um casal simpático, donde nasceram três filhos.

Vamos, para concluir, dizer mais algumas trovas de **Eduardo Antônio de Oliveira Toledo**, nosso trovador Didu, atual Secretário de Cultura de Pouso Alegre:

Não se mede facilmente um sofrimento profundo,
 porquanto o drama da gente é sempre o maior do mundo!

Quando a dúvida se faz,
 em nossa vida, presente,
 pode ser um passo atrás,
 ou, quem sabe, um passo à frente!

Abro a janela, e a neblina lacrimosa na vidraça...
 a saudade dobra a esquina entra em meu quarto... e me abraça!

Em noites de disassar,
 quando a saudade é cruel,
 o poeta imprime a dor num pedaço de papel...

A saudade se apegou com tanta delicadeza que um sorriso iluminou teu retrato sobre a mesa!

Feito uma estrela vadia que brilha até na alvorada,
 sou filho da boemia e neto da madrugada.

É meu momento feliz,
 na madrugada sem lei,
 quando meu filho entra e diz:
 – A bênção, mãe. Eu cheguei!



Sem o menor preconceito, grita um velhinho casmurro: – Prefiro um burro prefeito a ter um prefeito burro.
 Aloysio Alfredo Silva

Se este salário de fome fosse dado a todo edil, haveria menos nome candidato no Brasil...
 Célia Guimarães Santana

Na minha vida em destroços eu venho pressentindo que, de tanto roer ossos, eu vou acabar latindo...
 Almira Guarcy Rebêlo

Um português manda-chuva que ainda hoje é o que é, injetou álcool na uva para tomar vinho no pé!
 Heloisa Zanconato Pinto

Nestas eleições também, fez-se ouvir a voz da História, nem sempre sucesso tem quem mereceu a vitória.
 Aluizio Alberto da Cruz Quintão

Eleito o novo regente, na banda há pouca mudança: se a música é diferente, o povo assim mesmo... dança!
 Dorothy Janson Moreti

Embora invertendo o nome do que lhe dá por almoço, teu cão não ilude a fome, pois osso invertido é osso.
 Aprygio Nogueira

É mestra e castigos dá... Tem o corpo que atordo-a...
 Diz o aluno: – É muito má! Pensa o pai: – É muito boa!
 Luis Otávio (SF0012)

Foi dormir sobre a vitória, cotidinho, e se estrepou, alguém, roubando-lhe a glória, do seu lugar se apossou.
 Ana Ataíde Ferreira da Silva

É nosso riso da hiena na eleição de um senador o eleito conquista a sena pra nós continua a dor!
 Roza de Oliveira

Desde todo talento, deste bar sentado à mesa, ofereço-lhe um assento, quando me chega a tristeza. (1/1)
 Elmo de Paula Araújo

Foi as matas devastando pior que qualquer queimada... – era um português tentando achar a raiz quadrada!
 Marcelo Zanconato Pinto

Depois de tanta promessa, mesa farta... bolsa rica... o eleitor jejuia à beça

Ser eleita deputada não quis, na Nova República, para depois ser chamada

Sou como ave envolta em bruma que um rumo *dejeja* achar e que em vão procura *alguma* luz que a possa orientar. (1/1)

A situação tá tão feia minha grana tão escassa...

– Você sabe o que é um buraco? A imaginação se solta e, após um momento opaco: – Nada e qualquer coisa em volta...
 Manoel Fernandes Menendez

Políticos em discussão são muitos... Que vozerio! Grita alguém: – Pega ladrão! e o salão fica vazio.
 Rocha Ramos

Contra dedos mais ousados, aquele esperto velhinho, põe no bolso, misturados, para cada nota, um espinho.
 Waldi Neves

Com a vitória o candidato sobe tal qual um foguete, mas durante o seu mandato,

e o eleito mais gordo fica!
Carolina Ramos

sob a batuta dos sonhos!
Ívone Taglialegra Prado

de eminente... mulher pública.
Wilson Montmór

Elmo de Paula Araújo

parou para dar carona
e a mulher boa... era a sua!
Edmar Japiassú Maia

que o vizinho churras-
queia
e eu passo o pão na fumaça.
Pedro Omelas

desce no povo o porrete.
Zeni de Barros Lana

Ida Dutra Sacramento (Av. Comendador Costa 267, Apto. 52; CEP 37470-000 – São Lourenço, MG), de O Lúdico na Trova; respectivamente: Rodada de Trovas (tema Eleição); A Trova nas Charadas adicionadas (novíssimas); O Humor na Trova